

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) VÍTOR CORRÊA DA SILVA

O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960:

Uma abordagem à luz das teorias de Geoffrey Till e Cláudio Senna

Rio de Janeiro

2022

CC (FN) VÍTOR CORRÊA DA SILVA

O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960:

Uma abordagem à luz das teorias de Geoffrey Till e Cláudio Senna

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF EMÍLIO REIS COELHO

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval  
2022

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

C-EMOS 2022

O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960:

Uma abordagem à luz das teorias de Geoffrey Till e Cláudio Senna

Rio de Janeiro

2022

C-EMOS 2022

O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960:

Uma abordagem à luz das teorias de Geoffrey Till e Cláudio Senna

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: C-EMOS 2022

Rio de Janeiro  
Escola de Guerra Naval

2022  
**AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por todas as bênçãos da minha vida e por proporcionar saúde para mim e minha família, durante esta trajetória.

À minha querida e amada esposa Bruna, pelo apoio e sacrifício, por entender minhas ausências neste ano de desafios. Obrigado por tudo!

Ao meu querido e amado filho, Ian Lucca, por ser meu companheiro, proporcionando-me uma alegria incomparável e motivando-me todos os dias.

Aos meus queridos e amados pais, Jorge e Tereza, responsáveis pela minha formação e pelos meus valores morais, que sempre foram meu suporte.

Ao meu orientador, CF Emílio, pelas orientações, ensinamentos, serenidade e pelo incentivo que contribuíram para o resultado deste trabalho.

Aos meus amigos, CC (FN) Stanziola, CC Carmo, CC(FN) Silva Góis, Amigos do Turno FN, e da turma de maneira geral, pela amizade e pelas diversas demonstrações de camaradagem ao longo de todo o curso.

E a todos que contribuíram de alguma forma no desenvolvimento desta dissertação.

## RESUMO

Durante a Guerra Fria (1947-1989), os EUA e a Ex-URSS buscaram ter a hegemonia mundial, através de disputas políticas, econômicas e militares. Nesse contexto de tensão, ocorreram crises entre os dois contendores que quase levaram o planeta a um conflito nuclear. Com isso, o emprego dos Poderes Navais desses Estados seria necessário para a condução dessas crises. Com pouca expressão de poder nos oceanos, a Marinha da Ex-URSS fracassou nas Manobras de Crise em Cuba (1962) e no Congo (1960-1965), porém, incrivelmente, passou por mudanças que a transformaram em uma marinha poderosa no final da década de 1960. Essa marinha não somente passou a contar com grandes e modernos meios navais, que podiam rivalizar com seus equivalentes da OTAN, mas também mudou parte da doutrina de como empregá-los e, isso tudo, em um curto espaço de tempo. Na mesma década, uma enorme descoberta de petróleo e gás, na Sibéria, deu um gigantesco fôlego econômico para Ex-URSS, aumentando seu comércio externo, o que gerou uma necessidade de uma maior marinha mercante e recursos para a construção de um Poder Naval poderoso para proteger essa marinha. Esse ciclo virtuoso, pelo qual passou a Ex-URSS, é definido por Geoffrey Till (1945) como Ciclo Virtuoso do Mar. Após identificarmos a década de 1960 como o período de inflexão para a Ex-URSS, buscamos esclarecer as razões para os fracassos das manobras de crise realizadas pelo Poder Naval soviético e como esse poder foi reconstruído para transformar a MURSS em uma marinha de águas oceânicas. Para alcançar esse propósito, confrontamos as teorias de Geoffrey Till e de Cláudio Senna com a construção do Poder Naval soviético na década de 1960. Primeiramente, aprofundamos os conceitos de Crise e de Manobra de Crise do autor Cláudio Senna (1964), verificando, dessa forma, que as conduções de crise da Ex-URSS tiveram pouca aderência a essa teoria no início da década de 1960, mas passaram a ter uma aderência maior no final dessa década, quando esse Estado passou a se preparar para as futuras crises. Após isso, com a teoria de Geoffrey Till, comparamos as Missões Estratégicas, definidas como essenciais por esse autor, para que uma marinha moderna respalde os interesses do Estado com a construção do Poder Naval soviético na década de 1960 e constatamos que essa construção de poder e estratégia naval adotada, também, tiveram aderência à teoria do autor. Nesse contexto, concluímos que a crise pode ser a fase anterior de um conflito armado e, a partir disso, confirmamos que o Poder Naval soviético estava apto para, no final daquela década, respaldar os interesses políticos da Ex-URSS, utilizando as Manobras de Crise. Isso somente foi possível porque esse Estado preparou a MURSS para cumprir as Missões Estratégicas de Geoffrey Till, estando esta marinha apta a atuar em conflitos armados, sendo capaz de enfrentar, até mesmo, as marinhas ocidentais. Por fim, sugerimos à MB que promova debates sobre o tema com a sociedade brasileira, visando conscientizá-la da importância de se ter um Poder Naval moderno e preparado.

Palavras-chave: Marinha da ex-URSS (MURSS). Manobra de crise. Missões estratégicas. Teoria. Cláudio Senna. Geoffrey Till. Construção do Poder Naval Soviético.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Corveta classe <i>Nanucchca</i> (1969) .....	58
Figura 2 -	<i>Destroyer modified Kildin</i> (modificados no início da década de 1960) .....	58
Figura 3 -	<i>Destroyer Kotlin</i> (1956-modificados em 1962) .....	59
Figura 4 -	<i>Destroyer Krupny</i> (1960-modificados a partir de 1967) .....	59
Figura 5 -	<i>Destroyer Kashin</i> (1962) .....	60
Figura 6 -	Cruzador classe <i>Kynda</i> (1962) .....	60
Figura 7 -	Cruzador classe <i>Kresta I</i> (1967) .....	61
Figura 8 -	Cruzador classe <i>Kresta II</i> (1970) .....	61
Figura 9 -	“NAe” classe <i>Moskva</i> (1967) .....	62
Figura 10 -	“NAe” classe <i>Kiev</i> (1968) .....	62
Figura 11 -	SNLMB classe <i>Yankee</i> (1967) .....	63
Figura 12 -	SNLMB classe <i>Delta</i> (1972) .....	63

## LISTA DE TABELAS

- 1 - Quantidade de Navios-Patrolha transferidos para aliados da Ex-URSS, a partir da década de 1960 ..... 57
- 2 - Quantidade de navios lançados pela Ex-URSS e EUA, no período de 1961 a 1975 ..... 57



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DMN –	Doutrina Militar Naval
EUA –	Estados Unidos da América
LCM –	Linhas de Comunicações Marítimas
MB –	Marinha do Brasil
MN –	Milhas Náuticas
MT –	Mar Territorial
NAe –	Navios-Aeródromo
OTAN –	Organização do Tratado do Atlântico Norte
MURSS –	Marinha da Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
URSS –	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
SAR –	<i>Search and Rescue</i> – Busca e Salvamento
SNLMB –	Submarino nuclear lançador de mísseis balísticos
TON –	Toneladas
ZEE –	Zona Econômica Exclusiva

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>EMBASAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>12</b>
2.1	A CRISE POLÍTICO-ESTRATÉGICA E A MANOBRA DE CRISE .....	12
2.2	A TEORIA DE GEOFFREY TILL .....	14
<b>2.2.1</b>	<b>Recursos para construir uma moderno Poder Naval</b> .....	<b>16</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Estratégias clássicas</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Estratégias para eras modernas</b> .....	<b>20</b>
2.3	CONCLUSÕES PARCIAIS .....	25
<b>3</b>	<b>O PODER NAVAL DA EX-UNIÃO SOVIÉTICA, NA DÉCADA DE 1960</b> .....	<b>26</b>
3.1	O INÍCIO DA GESTÃO DO ALMIRANTE GORSHKOV .....	26
3.2	O INÍCIO DOS ANOS 1960 - PODER NAVAL SOVIÉTICO NA MANOBRA DE CRISE .....	28
3.3	TRANSFORMANDO O PODER NAVAL SOVIÉTICO .....	31
3.4	O REAPARELHAMENTO DA MURSS - A FROTA REVOLUCIONÁRIA .....	33
3.5	AS MISSÕES ESTRATÉGICAS DA MURSS .....	37
<b>3.5.1</b>	<b>Estratégias clássicas</b> .....	<b>38</b>
<b>3.5.2</b>	<b>Estratégias para eras modernas</b> .....	<b>41</b>
3.6	CONCLUSÕES PARCIAIS .....	45
<b>4</b>	<b>O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960 SOB ÓTICA DAS TEORIAS DE MANOBRA DE CRISE E DE GEOFFREY TILL</b> .....	<b>46</b>
4.1	O PODER NAVAL DA EX-URSS E A MANOBRA DE CRISE .....	46
4.2	O PODER NAVAL DA EX-URSS E A TEORIA DE GEOFFREY TILL .....	47
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>51</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO A - Desempenho da indústria naval a partir de 1961 .....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO B - Meios navais da “Frota Revolucionária” lançados ou modificados na década de 1960 .....</b>	<b>58</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos da América (EUA) e a Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) saíram como os grandes vencedores desse conflito, passando a ditar a nova ordem mundial e dividindo o mundo em Estados capitalistas e socialistas. Assim, os dois antigos aliados, na guerra, passaram a se enxergar como inimigos, iniciando a chamada Guerra Fria (1947-1989), um conflito político e ideológico no qual cada superpotência tentava vencer a outra em disputas econômicas, militares e de influência de outros Estados, particularmente, os que conquistaram suas independências tardiamente e os que passavam por conflitos internos. Essa disputa levou todo o planeta a viver uma tensão política constante e a temer uma guerra nuclear.

É importante ressaltar que, neste trabalho, apesar de não mais existirem, doravante trataremos as instituições, os cargos e outros nomes relacionados à Ex-URSS (1922-1991) como eram escritos no passado, visando dar maior fluidez ao texto.

Dentro do contexto de disputas entre os blocos capitalista e socialista, foram criados dois grandes acordos militares: a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1949, liderada pelos EUA e o Pacto de Varsóvia (1955 a 1991), liderado pela Ex-URSS. Com isso, os Estados desses blocos antagônicos se estudavam para se enfrentarem em uma possível guerra. Além disso, os dois Estados líderes possuíam as forças principais de combate desses blocos. Era evidente que, com essa tensão mundial, Crises Político-Estratégicas poderiam surgir em qualquer parte do planeta e a necessidade de condução dessas pelos Poderes Navais das duas superpotências aconteceria cedo ou tarde.

Conforme esperado, durante a Guerra Fria, aconteceu um episódio que quase levou o mundo a um conflito nuclear, a Crise dos mísseis de Cuba (1962). Esse evento é um

clássico exemplo de crise histórica, pois possui características que atraem estudiosos de Manobras de Crise. Afinal, as duas superpotências quase se enfrentaram diretamente. Além disso, o resultado dessa crise, com o recuo da Ex-URSS em instalar os mísseis nucleares em Cuba e os EUA retirarem os mísseis da Turquia, bem como a ausência de meios da Marinha da Ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (MURSS) nos momentos cruciais, naquelas águas, geram, até hoje, bastantes questionamentos, para quem estuda esse episódio. Somando-se a isso, ainda no início da década de 1960, a Ex-URSS também não conseguiu apoiar, militarmente, o governo do recém independente Congo, o qual era seu aliado, mesmo sendo evidente o apoio ostensivo dos norte-americanos aos rebeldes do conflito.

Para os Estados do Ocidente, era evidente que faltavam grandes meios de superfície à MURSS para se aventurar além de suas águas costeiras. Logo, essa situação limitava as ambições políticas do Estado soviético, além de envergonhar seus líderes que queriam rivalizar e vencer os EUA em todas as áreas de disputa.

Por outro lado, no final da década de 1960, uma mudança de postura acontecia e, surpreendentemente, a MURSS estava sendo equipada com meios navais que poderiam, até mesmo, superar os equivalentes OTAN. A partir dessa constatação, identificamos acontecimentos dignos de serem pesquisados, nessa década, porque estes haviam contribuído para a construção e transformação de um novo e moderno Poder Naval soviético.

Ademais, com a finalidade de entender as razões para a transformação do Poder Naval soviético nesse período, elaboramos os seguintes questionamentos: A Ex-URSS possuía um Poder Naval forte e moderno que fosse capaz de respaldar seus interesses em águas oceânicas, no final da década de 1960? Além disso, a construção desse Poder Naval teve aderência ao modelo teórico de Geoffrey Till, no que tange às Missões Estratégicas que uma marinha moderna deve cumprir; e a obedecer ao Ciclo Virtuoso do Mar, para construção dessa

marinha? Por último, a construção do Poder Naval soviético, na década de 1960, teve aderência ao modelo teórico de Cláudio Senna, no que tange à Gestão de Crise?

Visando responder a esses questionamentos, nosso estudo terá como propósito confrontar as teorias de Geoffrey Till e de Cláudio Senna com a construção do Poder Naval soviético na década de 1960.

Com o intuito de alcançarmos tal propósito, nosso trabalho está organizado em cinco capítulos, incluindo esta introdução e a conclusão. No capítulo 2, apresentaremos os conceitos de Poder Marítimo, Poder Naval e Poder Nacional definidos na Doutrina Militar Naval (DMN). Em seguida, abordaremos a teoria de Gestão de Crise de Cláudio Senna e a de Estratégia Marítima de Geoffrey Till.

No capítulo 3, abordaremos os motivos que levaram a Ex-URSS a mudar sua estratégia marítima, na década de 1960, e construir um novo Poder Naval. Detalharemos também alguns programas do reaparelhamento da URSS. Além disso, explicaremos as fontes dos recursos que permitiram a construção desse novo Poder Naval soviético.

No capítulo 4, identificaremos as semelhanças e diferenças verificadas na comparação entre os modelos teóricos com a realidade apresentada, visando responder aos nossos questionamentos propostos nesta pesquisa.

Por último, no capítulo 5, iremos finalizar nosso trabalho com as principais conclusões, além de recomendar pesquisas também relacionadas a essa temática, sobre períodos e matérias que não foram abordados no nosso trabalho, visando complementar o referido assunto. Ademais, ressaltaremos a importância do tema para o Brasil e a MB.

Encerrada nossa introdução, seguiremos para o embasamento teórico de Cláudio Senna e Geoffrey Till, que nortearão nosso tema sobre O Emprego do Poder Naval em Manobra de Crise.

## 2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo, visando fundamentar nossa pesquisa, abordaremos as definições de Crise Político-Estratégica e de Manobra de Crise, na DMN. Em seguida, citaremos a definição de crise de Claudio Senna, constatando como esse autor sugere abordar sua gestão. Ademais, relacionaremos essa definição de crise e a sua abordagem de gestão ao conceito de Manobra de Crise da DMN. Dessa forma, com esses conceitos sedimentados, analisaremos a teoria de estratégia naval de Geoffrey Till, apresentando as características necessárias para um Estado tornar-se uma Potência Marítima, além de possuir um Poder Naval forte. Por último, descreveremos as missões que esse poder deve cumprir, para que as marinhas modernas possam respaldar seus Estados em situações de crises ou nos conflitos armados.

### 2.1 A CRISE POLÍTICO-ESTRATÉGICA E A MANOBRA DE CRISE

Para entendermos como o Poder Naval pode atuar na Manobra de Crise, precisamos partir de uma definição inicial de Crise Político-Estratégica. A DMN a define como:

A crise político-estratégica é um tipo de conflito internacional desencadeado imediatamente após a ruptura do equilíbrio existente entre duas ou mais partes envolvidas em determinado contencioso, evoluindo para uma fase de tensão que, quando falham as tentativas de solucionar as divergências, tende a exacerbar-se, aproximando-se do conflito armado (BRASIL, 2017).

Podemos observar, então, que uma Crise Político-Estratégica pode se transformar em um conflito armado. Assim, para obter uma negociação benéfica, um determinado país deve adotar um processo de condução de crise denominado Manobra de Crise (BRASIL, 2017). A condução dessa manobra deve ser feita por um período determinado, para que ocorram as

tomadas corretas de decisões e a preparação da eventual aplicação da força militar. Ademais, conforme a DMN, podemos entender a Manobra de Crise como um processo de condução da crise pela expressão política do Poder Nacional que tem a finalidade básica de evitar um conflito armado e conseguir uma paz vantajosa, via ações para distender, estabilizar ou escalar uma situação adversa. Dessa forma, estamos criando uma base teórica, para entendermos como o Poder Naval pode ser empregado em uma crise (BRASIL, 2017).

Ainda com o intuito de facilitar nossa compreensão sobre a Crise e sua condução, consideramos importante aprofundar o tema sob a ótica da Gestão de Crise do autor Cláudio Senna. Para esse autor, Crise é um fenômeno complexo que possui origens diversas, além de possuir uma elevada probabilidade de agravamento e riscos de sérias consequências, não permitindo que se anteveja com clareza o curso de sua evolução (SENNA, 2017).

O autor também separa crise em dois grandes grupos: as crises que podemos evitar com ações preventivas apropriadas e as crises que não conseguimos evitar. No primeiro grupo, ele argumenta que, a partir de ações preventivas baseadas na análise correta das variáveis e dos riscos, podemos evitar a crise. No segundo, não é possível antever as variáveis e as suas combinações que levam a uma crise. Nesse caso, um bom Plano de Resposta, com meios e recursos preparados para atendê-lo, minimizará seus efeitos. Portanto, um Estado deve estar preparado para responder as consequências de uma crise, priorizando respostas conforme as probabilidades de ocorrência, bem como de suas consequências (SENNA, 2017).

Após isso, Senna sugere, a partir de uma gestão, dividir a Crise em partes para que sejam atacadas separadamente, o que significa realizar um método cartesiano, muito comum nas atividades militares. Ele também propõe cinco etapas para realizar essa gestão: Identificação da Possibilidade da Crise, Elaboração de um Plano de Resposta, Elaboração de um Plano de prevenção, Execução do Plano de Prevenção e, caso a crise aconteça, Execução



do Plano de Resposta. Contudo, isso demanda um esforço prévio para minimizar as consequências de uma crise com meios e respostas eficientes (SENNÁ, 2017).

É importante também ressaltar que a OTAN, quando realiza operações militares em outros Estados, não enquadradas no Art 5º do seu Tratado<sup>1</sup>, as classifica como Operações de Gestão de Crises Militares, ou seja, suas forças armadas, em uma crise que requer solução militar são empregadas como em um conflito armado (FAHRON-HUSSEY, 2019).

As características da Gestão de Crise, tanto de Cláudio Senna quanto da OTAN, quando comparadas com as definições da DMN, nos permite associar a Gestão com a Manobra de Crise. Partindo dessa associação, podemos vislumbrar o preparo e o emprego de um Poder Naval, para atuar em uma Manobra de Crise. Além disso, podemos, de acordo com as evidências descritas, entender que uma Crise poderá ser a etapa anterior de um conflito armado. Dessa forma, o Poder Naval, na Manobra de Crise, deverá primeiro estar apto para atuar nos conflitos armados modernos. Com isso, estudaremos a teoria de Geoffrey Till.

## 2.2 A TEORIA DE GEOFFREY TILL

Definir inicialmente o Poder Marítimo é importante para fundamentarmos o nosso entendimento de como esse poder está intimamente ligado ao conceito de Poder Naval, que é nucleado nas marinhas de guerra. Tal abordagem nos permitirá compreender, neste estudo, que um Estado para possuir um Poder Naval forte, obrigatoriamente precisa possuir um grande Poder Marítimo, quando comparado a outros Estados.

---

<sup>1</sup> O Art 5º garante que se um país do tratado for atacado, esse ataque será considerado a todos que compõem à OTAN, por isso todos os países devem prestar assistência ao membro atacado (NATO, 2017).

Visando compreender a definição de Poder Marítimo, aceitaremos que esse poder é um sistema de *INPUT* e *OUTPUT*. Como *INPUT*, temos as marinhas de guerra, as marinhas mercantes, a indústria naval militar etc. Estes são os componentes do Poder Marítimo que, por outro lado, compõem o Poder Nacional de um Estado. Como *OUTPUT*, o Poder Marítimo é definido por suas consequências, os fins e não os meios, ou seja, a capacidade influenciar os eventos em mar e em terra (TILL, 2018).

Podemos, também, baseados na DMN, afirmar que o Poder Marítimo é uma Projeção do Poder Nacional, resultante da integração de recursos que um Estado dispõe para a utilização do mar, como instrumento de ação política e militar ou como fator de desenvolvimento, visando conquistar e manter os objetivos nacionais (BRASIL, 2017).

É importante explicar que o Poder Nacional possui como componentes da expressão militar o Poder Naval, o Poder Militar Terrestre e o Poder Militar Aéreo; e, de acordo, com a DMN é a capacidade que tem o Estado para alcançar e manter os objetivos nacionais, em conformidade com a vontade nacional. Manifesta-se em cinco expressões: a política, a econômica, a psicossocial, a militar e a científico-tecnológica (BRASIL, 2017).

Por último, devemos fazer uma analogia ao conceito de Poder Naval definido na DMN, em virtude de esta ser específica para o Brasil. Assim, podemos definir esse poder como um dos componentes da expressão militar do Poder Nacional e parte do Poder Marítimo, capaz de atuar no mar, nas águas interiores e em áreas terrestres limitadas de interesse para as operações navais, incluindo o espaço aéreo sobrejacente, visando contribuir para a conquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais de Defesa, conforme diretrizes estabelecidas pelas Estratégias de Defesa e cumprindo os interesses políticos dos Estados. Ademais, o Poder Naval também deverá explorar as características de mobilidade, de permanência, de versatilidade e de flexibilidade (BRASIL, 2017).

As definições anteriores serão importantes para compreendermos, como Geoffrey Till julga crucial possuir um grande Poder Marítimo e, por consequência, um forte Poder Naval que cumpra as missões necessárias, para respaldarem os interesses políticos de seus Estados.

### **2.2.1 Recursos para construir um moderno Poder Naval**

Para possuir uma moderna marinha de guerra, um Estado deve possuir recursos financeiros para desenvolvê-la, adestrá-la e mantê-la. Tais recursos serão providos por uma economia dinâmica e serão mais facilmente adquiridos por um Estado que possua forte comércio marítimo. Por consequência, uma Potência Marítima terá vantagens de recursos para criar uma marinha mais poderosa do que outros Estados que não a sejam. Por isso, retornar ao conceito de Poder Marítimo e desenvolvê-lo nos ajudará a compreender e justificar o surgimento de um sustentável e forte Poder Naval.

O Poder Marítimo pode ser entendido como um sistema inseparável e compacto, no qual o Poder Naval protege todos os bens marítimos, que são a fonte de recursos para sua eficácia. Logo, o Comércio Marítimo gera os Recursos que criam o Poder Naval e este poder cria uma Supremacia Naval que garante o Comércio Marítimo, reiniciando o ciclo, o qual é denominado *Ciclo Virtuoso do Mar*. Contudo, Como o conceito de Poder Marítimo é relativo, pois cada Estado tem um grau de poder em relação aos outros, um Estado, que tenha o desejo de se impor no mar e garantir seus interesses, deverá buscar esse ciclo virtuoso (TILL, 2009).

Dessa forma, tendo em vista o vínculo entre Poder Marítimo e Poder Naval, podemos entender a necessidade de os Estados buscarem nacionalizar áreas marítimas, pois com MT, ZEE e Plataformas Continentais consolidadas, os recursos dessas áreas poderão ser

utilizados no desenvolvimento como um todo, bem como fortalecer o Poder Naval, que deverá cumprir missões diversas para garantir a proteção desses recursos.

### **2.2.2 Estratégias clássicas**

As evoluções tecnológicas, advindas da era nuclear, fizeram muitos estrategistas navais pensarem que seria o fim das esquadras e que somente as armas nucleares fariam parte dos conflitos. Contudo, Geoffrey Till enfatiza que as marinhas devem continuar a cumprir suas missões tradicionais, além de incluir outras em um rol de Missões Estratégicas. Todas necessárias para um Estado resguardar seus interesses por meio de sua marinha, mesmo com o avanço tecnológico de outros meios que poderiam se contrapor às esquadras.

Segundo Geoffrey Till, as esquadras estarão mais dispersas, pois os navios agora são multitarefas, cumprindo diferentes missões. Contudo, afirma que as perdas serão maiores do que no passado, devido ao desenvolvimento das armas, mesmo em um conflito não-nuclear. Logo, a simples presença de navios modernos pode desmotivar hostilidades de outro Estado, enganando-o, fazendo-o crer que não poderá vencer ou que as perdas serão elevadas. Assim, a estratégia clássica de Esquadra em Potência ainda pode ser utilizada para desencorajar ataques ou conflitos, corroborando com a Manobra de Crise (TILL, 1984).

Com isso, analisaremos as missões definidas como fundamentais pelo autor, para que uma marinha moderna respalde os interesses do seu Estado. É importante ressaltar que, apesar desta seção ser longa, no que tange às evidências, julgamos ser necessário o detalhamento das Missões Estratégicas, para compará-las, no capítulo 4, com as missões que a MURSS era capaz de cumprir, na década de 1960. Dessa forma, dentro das missões clássicas,

abordaremos o Domínio do Mar e o Controle de Área Marítima; a Defesa das Linhas de Comunicações Marítimas (LCM) e a Projeção do Poder Sobre Terra.

Com relação ao Domínio do Mar e ao Controle de Área Marítima, Geoffrey Till afirma que o primeiro, apesar de ainda ser propugnado por alguns especialistas ocidentais, é muito difícil de se conseguir. Para reforçar tal afirmativa, ele compara a doutrina da OTAN com essa missão e demonstra haver um paradoxo, pois esta doutrina é reativa e defensiva, porém, para se conseguir o Domínio do Mar, são necessárias ações ofensivas, além de haver máximo atrito no início do conflito. Portanto, para conseguir o domínio, a marinha deve destruir a oponente ou bloqueá-lo, tarefas tão difíceis agora quanto no passado (TILL, 1984).

Como o Domínio do Mar é extremamente difícil de se obter, além de necessitar de enormes recursos para se tentá-lo, o Controle de Área Marítima se torna mais viável para as marinhas, pois ele permite o controle em uma determinada área, por um período limitado, o que é viável para uma Potência Naval. O autor também enfatiza que há duas dimensões, para esse controle: o Uso da Área Marítima e a Negação do Uso do Mar (TILL, 1984).

Sobre o Uso da Área Marítima, o autor cita a lista de Stansfield Turner (1923-2018)<sup>2</sup>, que descreve os propósitos buscados para esse uso: Garantir Suprimentos Industriais, Reforçar ou Ressuprir Forças Militares Engajadas Além Mar, Prover em Tempos de Guerra Suprimentos Econômicos e Militares para Aliados e Prover Segurança para Forças Navais quando Projetando Poder sobre Terra (TILL, 1984).

Por outro lado, a Negação do Uso do Mar é comparada à uma guerrilha na guerra no mar. Nessa modalidade o comandante ataca buscando surpresa e se evacua do local. Dessa forma, é possível enfrentar um inimigo superior. O ideal, portanto, é possuir as duas dimensões. Contudo, é importante salientar que o Controle da Área Marítima é um meio

---

<sup>2</sup> Ex-Comandante da OTAN de 1975 a 1977 e ex-diretor da CIA de 1977 a 1981.

buscando um fim, ou seja, outras operações são necessárias para atingir a vitória na guerra ou na solução de uma crise (TILL, 1984).

Com relação à Defesa das Linhas de Comunicações Marítimas, alguns estrategistas não vislumbram a importância devida a essa missão, colocando-as em segundo plano nas estratégias ou dentro das tarefas do Controle de Área Marítima. Contudo, segundo Geoffrey Till, estas operações são, ainda hoje, muito importantes, devido ao incremento do fluxo do comércio marítimo, aumentando a vulnerabilidade dessas LCM, principalmente pela grande dependência de petróleo pelos Estados. Ele também afirma que tanto o Ocidente quanto a Ex-URSS estudaram essas vulnerabilidades, dado o grau de importância (TILL, 1984).

Para a missão de defender as LCM, a melhor opção ainda é possuir uma força de superfície considerável, pois, com suas capacidades e agora novas tecnologias, podem permanecer por longas distâncias no mar, além de se reagruparem facilmente para a proteção de comboios, melhor do que no passado. Todavia, haverá problemas se a guerra for curta e violenta ou, ainda, com ataques nucleares, pois essa missão perderia seu valor. Nesses casos, existiriam estoques de recursos, para suportar esse curto período, ou seja, a Defesa das LCM depende do nível do conflito e, principalmente, necessita ser não-nuclear. Apesar disso, seria imprudência das marinhas não se planejarem para a proteção do tráfego marítimo, pois esse tipo de missão deve ter o objetivo de enfraquecer a guerra em terra (TILL, 1984).

Outro desafio para a proteção das LCM é o aumento do poder e capacidades dos submarinos, comprometendo as esquadras inimigas, destruindo-as ou retendo-as nos portos ou inviabilizando comboios com escoltas. Esses comboios poderiam ser facilmente destruídos devido aos alvos concentrados e aos submarinos estarem mais rápidos e detectarem a longas distâncias. Logo, são necessários modernos grupos antissubmarinos somados a outras estratégias ofensivas para diminuir a área de trânsito dos submarinos inimigos (TILL, 1984).

Finalmente, com relação à Projeção de Poder Sobre Terra, Geoffrey Till afirma que a influência que o Poder Naval pode ter na terra é algo levado muito a sério pelas marinhas modernas. Nessa missão, temos em um extremo o ataque nuclear e no outro uma simples presença preventiva, porém, dentro desse intervalo, existem estágios intermediários como o Bombardeio Naval ou Aerotático e o Assalto Anfíbio (TILL, 1984).

O autor ressalta, também, que as operações convencionais hoje possuem um custo econômico e político muito elevado e isso limita as intervenções de coerção. Ademais, contra um inimigo com poder nuclear, homens e navios se tornam muito vulneráveis. Além disso, armas de alta precisão, podendo estar na posse de pequenos estados, fazem essas operações terem um risco ainda maior (TILL, 1984).

Portanto, os fatores acima influenciaram as opiniões de alguns autores no sentido de diminuir a relevância das operações anfíbias ou do ataque à terra. Contudo, as marinhas modernas não devem ser influenciadas e, ainda, precisam buscar manter suas vocações anfíbias e de projeção de poder. A guerra da Coreia (1950 a 1953) e o cerco de KHESAN (1968)<sup>3</sup> são exemplos que demonstraram a importância da projeção de poder sobre terra, onde os EUA poderiam ter sido derrotados, caso não possuíssem tais meios e capacidades (TILL, 1984).

### **2.2.3 Estratégias para eras modernas**

Com a constante inovação tecnológica dos meios, as mudanças nas relações econômicas e políticas dos Estados e o consequente aumento do fluxo de navios para o

---

<sup>3</sup> Cerco de uma base de fuzileiros navais norte-americanos que durou 77 dias, durante a guerra do Vietnã (1959 a 1975).

comércio exterior, as marinhas devem estar preparadas para cumprir novas missões. Por isso, analisaremos as missões necessárias, listadas por Geoffrey Till, para que um Estado resguarde seus interesses no mar em complemento as do item anterior. Abordaremos, então, a Proteção dos Recursos Marítimos, a Diplomacia Naval e a Dissuasão Estratégica.

Com relação à Proteção dos Recursos Marítimos, esses recursos representam importantes fontes de alimentos, energia e matérias-primas de maneira geral, por isso o mar hoje se torna mais importante que no passado. Em virtude dessa nova realidade, muitos Estados, preocupados com a exploração e gerenciamento desses recursos em suas águas jurisdicionais e no alto mar, passaram a criar agências especializadas para tal finalidade e pensar em como suas marinhas podem apoiá-las. Nesse contexto, conceitos como Plataformas Continentais, Mar territorial, ZEE, Fundos Marinhos e outros passaram a ganhar relevância e importância, sendo o controle dessas áreas objeto de disputas entre os Estados.

Além disso, Geoffrey Till cita outras preocupações dos Estados como: pensar na proteção contra fenômenos da natureza, acidentes, aumento da poluição, hostilidades, crimes (em especial a pirataria), disputas por demarcações de áreas de proteção, exploração e de pesca, além do planejamento e a execução das Operações SAR. Ademais, a descoberta de novas jazidas minerais e de novos minerais tem dado a tônica desses tempos (TILL, 1984).

Esses desafios fazem os Estados repensarem suas estratégias navais para o presente e o futuro, visando solucioná-los ou mitigá-los, além de manterem a ordem sobre suas águas jurisdicionais. Logo, as Marinhas devem estar preparadas para proteger suas águas tanto de outros Estados quanto de atores sem uma organização definida (TILL, 1984).

Para responder proporcionalmente a essas ameaças, as marinhas devem ser dotadas de um considerável número navios de baixa complexidade, sendo estes mais baratos, rápidos, com armas e cascos aptos para essas missões, além de terem boa capacidade de



permanência no mar. O autor cita, nesse contexto, a Guerra do Bacalhau<sup>4</sup> entre Grã-Bratênia e Islândia, na qual as marinhas tiveram que desenvolver técnicas distintas, diferentes das operações padrões, para protegerem seus interesses e não escalarem a crise (TILL, 1984).

Com relação à Diplomacia Naval, Geoffrey Till a denomina como uma expressão do Poder Naval que abrange as atividades marítimas em uma extremidade menos perigosa dentro dos procedimentos que um Estado pode usar para influenciar o comportamento de outro e, além disso, pode variar de um ataque militar de baixas proporções à coerção diplomática. Dessa forma, as atividades diplomáticas se fundem imperceptivelmente em ameaças e atos de guerra, porém, o poder que é explorado em vez da força. Essas atividades podem ser entendidas como instrumentos de política externa. Por isso, as marinhas podem influenciar Estados neutros a tomarem posições em crises ou conflitos ou, ainda, serem preservadas para negociações de paz no fim de um conflito (TILL, 1984).

A Estratégia Naval de um país e a utilização do seu Poder Naval devem estar adequados aos propósitos e objetivos políticos que o Estado deseja alcançar. Por isso, a Diplomacia Naval deve estar preparada para as Missões de Presença Naval: as Preventivas, nas quais a presença da força naval pode evitar o surgimento de uma crise, e as Reativas, nas quais a força naval responde a uma crise. Em ambas, a marinha deve passar credibilidade de que poderá utilizar todas as suas capacidades, ou seja, a força. Dessa forma, podemos observar que os Estados com grande Poder Naval podem se utilizar, conforme denomina Edward Luttwak (1975, p. 07), da “Persuasão Naval”, que pode ser latente (sem intenção de emprego) ou ativa (com desígnio consciente) ou se utilizar, ainda, da Coerção. Assim, em

---

<sup>4</sup> Série de confrontos, entre as décadas de 1950 e 1970, entre Reino Unido e Islândia por causa dos direitos de pesca nas águas ao redor da Islândia.

tempos de paz, a marinha criará condições para uma dissuasão através da diplomacia (apud TILL, 1984, p. 212).

Por último, é importante ressaltar que os meios mais apropriados para essa missão ainda são os meios de superfície, pois eles se fazem presente em qualquer lugar, respondendo a diferentes graus de ameaças e, para isso, devem ser velozes e numerosos, para moverem-se rápido para os locais onde sejam necessários (TILL, 1984).

Finalizando, como última missão, abordaremos a Dissuasão Estratégica. Com relação a essa dissuasão, muitos estrategistas navais propugnam que, a melhor maneira de manter a paz e garantir a segurança é tendo um forte Poder Naval. Dissuasão não significa somente fazer o inimigo acreditar que será derrotado, mas também fazê-lo calcular o custo de se aventurar em um conflito contra um adversário que seria mais fraco, mas que causaria grandes perdas. Dessa forma, os benefícios não compensariam as perdas (TILL, 1984).

No cálculo da dissuasão, deve entrar o nível da determinação do inimigo. Uma forma de se calcular tal determinação é observando suas atitudes. Assim, um oponente que navega com seus navios ostensivamente, usa táticas de assédio ou intrusão ou lança aeronaves próximas aos meios do adversário, demonstra sua determinação (TILL, 1984).

Contudo, com a era nuclear, surge a verdadeira Dissuasão Estratégica, diferente das outras missões realizadas pela marinha. Esse papel caberá aos Submarinos Nucleares Lançadores de Mísseis Balísticos (SNLMB), que não participarão diretamente da guerra no mar, ou seja, não atacam esquadras inimigas ou comboios. Portanto, seus alvos serão em terra, lutando uma outra guerra (TILL, 1984).

Dessa maneira, a decisão de um país criar uma força de Dissuasão Estratégica deverá caber ao mais alto escalão da política, devido ao SNLMB ser um meio caro de construir e manter, além de demandar muitos recursos humanos. Contudo, essa força, por mais

poderosa que seja, precisa de forças navais tradicionais para apoiá-la. Por isso, deve-se buscar, preferencialmente, o controle de área marítima, porque, apesar de os SNLMB serem difíceis de detectar e poderem atacar de diversas direções, ainda há o risco de serem engajados por forças de defesa do inimigo (TILL, 1984).

Uma das principais funções da Dissuasão Estratégica é garantir a *Second Strike Capability*<sup>5</sup> e, com isso, fazer com que o inimigo desista de utilizar armas nucleares, pois saberá que será retaliado e sofrerá destruições inaceitáveis no seu país. Uma segunda função seria garantir respostas proporcionais e flexíveis do seu uso, por exemplo, se um país atacar as forças estratégicas de outro com armas nucleares, o atacado teria a opção de retaliar de forma proporcional, não retaliando diretamente as cidades do atacante, o que escalaria a crise nuclear. Uma terceira função seria, já em uma guerra nuclear, garantir que seus termos sejam aceitos pelo adversário, levando em consideração que o inimigo já esteja enfraquecido, mas sabe que ainda existe uma força que poderá continuar os ataques nucleares. Dessa forma, garantir a operacionalidade de uma força de SNLMB, mesmo durante uma guerra nuclear, deve ser uma das maiores preocupações da estratégia marítima moderna (TILL, 1984).

Em virtude das características que os SNLMB apresentam, podemos afirmar que a estratégia para poder mudar o equilíbrio existente entre dois países possuidores desses meios, seria a criação e a constante inovação de meios antissubmarinos, os quais poderiam reter uma força de SNLMB em locais distantes, mesmo que ainda hoje seja difícil detectá-los (TILL, 1984).

Podemos, agora, refletir que as Missões Estratégicas desenvolvidas acima, servem como um importante parâmetro para nortear as tarefas que uma marinha moderna deve

---

<sup>5</sup> Capacidade de realizar o segundo ataque (tradução nossa). É a capacidade que uma nação possui em responder a um ataque nuclear de um inimigo, também com essas armas (TILL, 1984).

cumprir, para respaldar os interesses do Estado. É possível constatar também que Geoffrey Till foi influenciado pela era nuclear e o contexto da época, a Guerra Fria. Por isso, ele, de forma objetiva, descreve as missões que as marinhas de Estados preocupados em possuir um respeitável Poder Naval devem realizar. Outro fator importante é que Geoffrey Till, apesar de ser um estrategista ocidental, estudou a estratégia da Ex-URSS, o que facilitará nosso estudo da URSS, visando uma pesquisa com visões de diferentes fontes.

### 2.3 CONCLUSÕES PARCIAIS

Neste capítulo, estudamos os conceitos de Crise Político-Estratégica e de Manobra de Crise. verificamos também que o preparo do Poder Naval é crucial para um Estado estar preparado para uma crise. Com isso em mente, constatamos que para um Estado possuir um Poder Naval forte, deverá ser uma Potência Marítima, seguindo o Ciclo Virtuoso de Geoffrey Till.

Ademais, dentro de sua teoria, constatamos que, após garantir os recursos para a construção de uma marinha moderna, o Estado deverá traçar sua estratégia marítima, visando possuir meios capazes de cumprir as Missões Estratégicas definidas pelo autor, mantendo um equilíbrio, através de uma solução *high-low mix*. Portanto, em nada adianta possuir uma força de águas azuis se o Estado não possui meios adequados para garantir que seus recursos, nas águas jurisdicionais, não sejam acessados por terceiros. Além disso, como verificamos, a Crise pode ser uma fase inicial de um conflito armado, devendo o Poder Naval estar preparado, para atuar nas Manobras de Crise. Com esses conhecimentos sedimentados, estudaremos, no próximo capítulo, a construção do Poder Naval soviético na década de 1960.

### **3 O PODER NAVAL DA EX-UNIÃO SOVIÉTICA, NA DÉCADA DE 1960**

Nesse capítulo, pesquisaremos a Estratégia da Marinha da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (MURSS), sob a gestão do Almirante Gorshkov (1910-1988) e sua tentativa de transformá-la em uma marinha moderna com capacidades oceânicas, na década de 1960. Teremos como foco a forma que ele buscou construir um Poder Naval Soviético para atuar nas Manobras de crises e em conflitos armados. Além disso, durante o início da década, pesquisaremos brevemente as características da MURSS e como ela atuou na gestão de dois eventos históricos, a Crise dos Mísseis de Cuba e a Luta pelo Controle do Congo, verificando como esses eventos influenciaram a adoção de novas estratégias e os programas de reaparelhamento da MURSS. Ademais, será importante descrevermos e analisarmos as missões que a marinha poderia realizar, sob a visão de estrategistas navais, para verificarmos suas capacidades e compará-las, no próximo capítulo, com as missões definidas por Geoffrey Till. Por último, a partir dessa comparação, analisaremos se a Ex-URSS poderia ser realmente considerada uma poderosa Potência Naval, no final da década de 1960, respaldando os interesses desse Estado nos oceanos através das Manobras de Crise.

#### **3.1 O INÍCIO DA GESTÃO DO ALMIRANTE GORSHKOV**

Após assumir o poder na Ex-URSS, em 1953, o Primeiro-Ministro Krushev, queria apagar a imagem de Stálin (ex-ditador soviético) no país. Para isso, indicou, em 1956, o Almirante Sergey Georgyevich Gorshkov como Comandante-em-Chefe da MURSS, para promover as mudanças necessárias na MURSS. Logo, caberia a Gorshkov se adequar a essa

realidade, não mais produzindo grandes navios de guerra, além da reduzir o seu tamanho<sup>6</sup> (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

A visão que Krushev possuía sobre a estratégia naval era que, com a Era Nuclear, a MURSS deveria abandonar os grandes navios de superfície e se preocupar somente com submarinos e pequenas embarcações para suas águas costeiras. Ele acreditava que, com essas embarcações, aviões e mísseis baseados em terra, seria possível manter a Ex-URSS segura, afinal, na sua visão, as próximas guerras seriam nucleares. Além disso, essa redução de meios possibilitaria transferir recursos financeiros e humanos para a economia, a fim de sobrepujar a economia dos Estados Unidos (RANFT; TILL, 1983).

Nesse contexto de redução da marinha, em 1956, a Ex-URSS entregou as bases navais, conquistadas em tempos de guerra, de “Port Arthur” na Manchúria e de “Porkalla” na Finlândia, demonstrando mais uma indicação das drásticas reduções das operações navais pretendidas pela Ex-URSS (RANFT; TILL, 1983).

Gorshkov, porém, não era partidário desse enfraquecimento estratégico em curso. Ele era um entusiasta dos mísseis e junto de alguns apoiadores começaram uma cautelosa campanha de publicidade e conversas formais no intuito de mudar a ideia de Krushev sobre a utilização de grandes navios. Essa campanha logrou resultados pois, já na década de 60, Gorshkov conseguiu iniciar uma expansão nos programas para equipar a marinha com grandes unidades capazes de operar no alto mar (RANFT; TILL, 1983).

Nesse ponto, podemos fazer considerações importantes com a chegada de Gorshkov no comando da marinha. A MURSS estava em processo de desmantelamento, porque os grandes navios eram vistos como símbolos da era de Stálin. Além disso, as armas nucleares passavam a impressão, não somente para os líderes soviéticos, como também para

---

<sup>6</sup> Para Krushev, os grandes navios representavam a megalomania de Stálin (RANFT; TILL, 1983).

seus pares ocidentais, de que elas poderiam resolver todos os conflitos e, assim, as guerras convencionais perderiam importância. Podemos verificar também a pressão política sobre a marinha para liberar verbas e homens, pois Khrushchev queria vencer os EUA também na corrida econômica. Por último, a experiência de Gorshkov aliado ao seu brilhantismo convenceram os líderes políticos da importância de se possuir um poderoso Poder Naval, que fosse capaz de operar nas “águas azuis”.

### 3.2 O INÍCIO DOS ANOS 60 - O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA MANOBRA DE CRISE

No início da década de 1960, duas grandes crises testaram a capacidade expedicionária da Ex-URSS: A Crise dos Mísseis de Cuba em 1962 e a Luta pelo Controle do Congo de 1960 a 1965. Em ambas as crises, as duas Superpotências, EUA e Ex-URSS, tentaram influenciar os acontecimentos de maneira política e militar. Os conflitos não serão detalhados, conforme informamos na introdução, por serem complexos, necessitando de estudos específicos. Assim, abordaremos somente como a ex-URSS tentou utilizar as capacidades da marinha nesses eventos.

Em 1962, devido à instalação de mísseis e o posicionamento de aeronaves com aptidão de realizarem ataques nucleares, em Cuba, pela ex-URSS, uma crise se instaurou entre as duas superpotências. Dessa forma, os EUA decidiram fazer um bloqueio naval na Ilha, com sua marinha, visando impedir a chegada de mais armas soviéticas, além de exigir que as instaladas fossem retiradas. A partir de então, caberia à Ex-URSS verificar suas reais capacidades navais e decidir se escoltaria seus mercantes com tais armas, garantindo a abertura dessa LCM. Para isso, deveriam romper o bloqueio pela força em um ato que seria

retaliado pelos EUA e, em outras palavras, a chance de o mundo vivenciar uma guerra nuclear (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

Para entendermos melhor o contexto da crise, é importante explicarmos que, em 1961, John F. Kennedy tornou-se presidente dos EUA e logo iniciou desenvolvimentos militares, a fim de garantir sua superioridade militar. Essa massiva construção de armamentos visava superar os soviéticos porque, na visão de Kennedy, estavam na frente dos norte-norte-americanos, principalmente na área dos mísseis balísticos. Assim, para eliminar esse “gap”, ele determinou a criação de forças estratégicas, incluindo mais meios navais, forças especiais e mísseis balísticos (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

Quase que simultaneamente, a Ex-URSS tinha interrompido a construção de diversos meios navais, incluindo novos SNLMB que substituiriam os da classe *Hotel*<sup>7</sup>, pois estes não eram confiáveis devido a problemas nos motores e reatores. Essa interrupção dos programas navais, apesar da pressão contrária exercida por Gorshkov, visava deslocar recursos para a força Estratégica de Mísseis, indo ao encontro do que pensava Krushev, que as guerras seriam nucleares e não se enviaria mais forças militares para apoiar as guerras nacionais do terceiro mundo. Contudo, o pensamento de Krushev começou a mudar nesse período com as crises que se seguiram (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

Dessa forma, no auge da Crise dos Mísseis, quando a Ex-URSS necessitava de meios navais modernos e poderosos, para escoltar os seus mercantes e enviar as ogivas nucleares para Cuba, foi surpreendida pela falta de meios de superfície e pela indisponibilidade de seus submarinos nucleares<sup>8</sup>. Mesmo assim, foi tomada a decisão de

---

<sup>7</sup> Eram os submarinos nucleares padrão da EX-URSS. Foram designados classe *Hotel* pela OTAN, na EX-URSS eram denominados Projeto 658.

<sup>8</sup> Gorshkov foi informado que os submarinos classe *Hotel* estavam com problemas nos reatores e motores, logo não eram confiáveis para levar as ogivas nucleares, nem escoltar os mercantes. Estariam disponíveis somente poucos submarinos diesel-elétricos (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).



enviar alguns submarinos diesel-elétricos junto aos mercantes, embora fosse notória a superioridade da marinha norte-americana (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

Quando seus navios estavam próximos à Cuba, a Ex-URSS decidiu retroceder com os meios e negociar com os norte-americanos, incluindo a retirada dos mísseis que já estavam naquela ilha, visando evitar um conflito de grandes proporções. Todavia, como consequência, a EX-URSS tirou três grandes conclusões dessa primeira crise: os EUA estavam pretendendo enfrentá-los com armas convencionais, as forças estratégicas dos EUA superavam as da Ex-URSS e a MURSS não era capaz de se lançar nos oceanos, principalmente longe de suas bases (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

A outra crise que impactou a estratégia da MURSS foi o conflito pelo controle do Congo, de 1960 a 1965. Apesar da preocupação soviética de os EUA estarem apoiando os rebeldes naquele conflito e o representante do governo local, Patrice Lumumba, ser aliado da Ex-URSS, os líderes soviéticos foram informados de que a marinha não conseguiria apoiar seu aliado. Assim, caso fossem enviados navios, estes meios ficariam sem combustível, dada a distância das bases soviéticas, não sendo possível garantir a permanência deles naquela parte da África, falhando em uma característica fundamental do Poder Naval (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019).

A partir desses eventos, os programas de reaparelhamento da MURSS sofreram modificações e foram acelerados. O próprio Krushev foi obrigado a mudar totalmente seu pensamento, pois queria e precisava se contrapor aos EUA e, em especial, à marinha norte-americana. Logo, um poderoso plano de reconstrução foi iniciado e, a partir da sua implementação, a MURSS poderia apoiar as incursões político-militares da Ex-URSS no terceiro mundo (POLMAR; BROOKS; FEDOROFF, 2019; RANFT; TILL, 1983).

Podemos verificar que essas duas crises contribuíram para modificar os pensamentos dos líderes soviéticos. Afinal era humilhante para uma superpotência, não conseguir se fazer presente nos oceanos com sua marinha. Logo, crises que poderiam acontecer, no início da década de 1960, longe de suas águas costeiras, não teriam o respaldo da marinha para solucioná-las. Além disso, a própria segurança continental estava em risco com essa discrepância de poderes entre as marinhas. Os EUA estavam construindo grandes submarinos nucleares de ataque da classe *Polaris* e podiam chegar facilmente na costa da Ex-URSS. Portanto, podemos considerar que as ideias de Gorshkov para criar uma Frota Revolucionária ganhou apoio e fundamento. A partir de então, grandes recursos iriam ser destinados para a marinha e ela se esforçaria ao máximo para se tornar uma verdadeira Potência Naval.

### 3.3 TRANSFORMANDO O PODER NAVAL SOVIÉTICO

Antes de 1960, a EX-URSS não poderia ainda ser reconhecida como uma grande Potência Marítima, pois sua economia não conseguia equiparar-se aos EUA, nem sua marinha possuía capacidade expedicionária para respaldar seu poderoso poder Terrestre, conforme observamos anteriormente. Contudo, analisaremos outros eventos que também contribuíram para essa mudança de “status” e seu posterior fortalecimento.

Ainda na década de 1960, a EX-URSS descobriu vastos campos de Gás natural e de Petróleo, no noroeste da Sibéria. Essa descoberta contribuiu para que grandes recursos financeiros entrassem no país, permitindo que a economia se revigorasse. Além disso, o petróleo e o gás natural precisavam ser escoados por mais navios. Logo, a construção desses

navios de transporte contribuiria para que a Ex-URSS aumentasse o tamanho da sua marinha mercante. Contudo, o crescimento da marinha mercante demonstraria a mesma fragilidade na segurança das LCM que no Ocidente e, para protegê-las, novamente seria necessária uma marinha capaz de operar nos oceanos. Dessa maneira, os novos recursos financeiros disponíveis seriam alocados também para as forças armadas, especialmente, para a MURSS (KAPLAN; SERRA, 2013; TILL, 1984).

Também no início dos anos de 1960, outros importantes fatores impulsionaram o crescimento da marinha mercante soviética: a pesquisa, em águas profundas, de recursos naturais, na sua plataforma continental como petróleo, gás e nódulos de ferromangânês; e a construção de uma grande frota de navios de pesquisas oceanográficas (segundo Geoffrey Till, a maior do mundo no período) e de numerosos meios de exploração, visando descobrir e explorar os recursos citados, como também explorar a pesca, que ocasionou um grande desenvolvimento na indústria pesqueira soviética (RANFT; TILL, 1983).

Ademais, A MURSS estava sob a orientação competente e ousada do Almirante Gorshkov, que buscou a todo momento dotar a Ex-URSS de uma marinha bem equipada, capaz inclusive de cercear as operações da marinha dos EUA. Em paralelo, segundo Geoffrey Till, a EX-URSS, no final de 1960, devido aos fatores citados anteriormente, já havia construído uma grande marinha mercante, possuía um excelente estudo oceanográfico e científico do mar, bem como estava equipada com uma indústria naval de primeira ordem (TILL, 2009).

Portanto, nossas considerações sobre as evidências acima são: a Ex-URSS, após descobrir novas reservas de hidrocarbonetos na década de 1960, passou a possuir uma poderosa fonte de recursos financeiros para construir uma marinha mercante forte e meios navais modernos para a MURSS. Portanto, o comércio impulsionado por essa nova marinha mercante necessitava de mais meios da marinha de guerra para sua proteção, além de gerar

os recursos financeiros para custeá-los. Esse ciclo virtuoso passou a ser extremamente vantajoso para o crescimento do Poder Marítimo da Ex-URSS, gerando uma “supremacia” naval nas suas águas de interesse.

#### 3.4 O REAPARELHAMENTO DA MURSS - A FROTA REVOLUCIONÁRIA

A ideia de possuir uma esquadra revolucionária foi o que sempre motivou Gorshkov e, a partir dos eventos supracitados, ocorridos no início da década de 1960, ele passaria a ter o apoio político necessário e os recursos requeridos para possuí-la. As crises, nas quais a MURSS não conseguiu atuar, foram grandes motivadores para o apoio político. Ademais, Gorshkov era um entusiasta dos mísseis e buscava dotar a marinha com grandes belonaves equipadas com os mais modernos possíveis, porém sua força principal ainda seria os submarinos. Ele também buscava possuir diferentes classes de navios para que os erros do passado não voltassem a ocorrer e para que a MURSS estivesse pronta para atuar em crises futuras, além das suas águas costeiras. Portanto, nesse item, conheceremos os principais meios lançados e suas características inovadoras, na década de 1960. Devido à grande variedade de navios e projetos, analisaremos somente os *Destroyers*, os Cruzadores, os Navios-Aeródromo (NAe) e os SNLMB, lançados nesse período (ANEXO B).

No início da década de 1960, visando enfrentar prontamente os grupos de ataques de NAe norte-americanos, alguns *Destroyers*, ainda nos estaleiros, da classe *Kildin* foram equipados com mísseis de médio alcance que podiam usar ogivas nucleares, os SS-N-1 *Scrubber*. Esses novos navios fugiam do padrão ortodoxo derivado da Segunda Guerra Mundial (que eram equipados com canhões como armas principais), sendo modificados sob a

influência da nova estratégia naval soviética, o que surpreendeu os países ocidentais devido as suas capacidades estratégicas (RANFT; TILL, 1983).

Em uma segunda fase, ainda no campo dos *Destroyers*, foram modificados meios da classe *Kotlins*, os quais possuíam mísseis antiaéreos e foram idealizados para, apoiados por submarinos e aviões baseados em terra, protegerem os *Destroyers* da classe *Kildin* e os futuros navios da classe *Krupny*, enquanto essas duas últimas classes atacariam os grupos de NAE (RANFT; TILL, 1983).

Finalizando a década, na terceira fase, foram lançadas as classes *Krupnys* e as *Kashin*. A primeira, a qual os soviéticos classificaram como Grandes Navios Antissubmarinos, eram equipadas também com o míssel SS-N-1 *Scrubber*, fortes em armas antissubmarinas e com capacidade antiaérea, porém no Ocidente eram conhecidos como classe *Kanins*. Em paralelo, os navios da classe *Kashin*, também foram classificados como Grandes Navios Antissubmarinos e possuíam pesados armamentos antiaéreos. Eram também os maiores navios movidos com turbina a gás até então (RANFT; TILL, 1983).

Com relação aos cruzadores, o primeiro cruzador a ser lançado, na década de 1960, foi o *Kynda* em 1962, com 4500 toneladas e equipado com mísseis SS-N-3 *Shaddock*. Estes mísseis eram armados com ogivas nucleares ou explosivos convencionais, com 150 MN de alcance e desenvolvido para também atacar os NAE da OTAN. Em 1967, foi lançado a classe *kresta I* de cruzadores, também com a função anti-navio, com poderosa proteção antiaérea e helicóptero orgânico para ser guia de mísseis. Tais capacidades permitiam que os cruzadores dessa classe pudessem operar de maneira independente. Contudo, somente em 1970, com o lançamento da classe *kresta II*<sup>9</sup>, a MURSS passou a ter meios com um papel importante na

---

<sup>9</sup> Embora seu lançamento tenha sido em 1970, o *Kresta II* foi mencionado, no mesmo contexto, por sua importância estratégica e por seu projeto ter sido desenvolvido, na década de 1960.

guerra antissubmarina, pois essa classe veio dotada com armas antissubmarinas de longo alcance, o míssil SS-N-14 que possuía um torpedo no seu interior (RANFT; TILL, 1983).

Com relação aos NAe, inicialmente eles foram vistos com ceticismo pela MURSS, ainda pelo pensamento de que as guerras seriam somente nucleares e esse tipo de navio seria dispendioso e vulnerável. Além disso, a Ex-URSS preferiu confiar na sua capacidade tecnológica em desenvolver mísseis antiaéreos para a defesa contra aeronaves. Esse ceticismo demorou a ceder, porém, aos poucos, os soviéticos foram percebendo que suas maiores ameaças navais eram, de fato, os grupos de ataques de NAe norte-americanos, ou seja, eles não seriam tão vulneráveis quanto se pensava (RANFT; TILL, 1983).

A mudança de pensamento também veio no início dos anos de 1960 com uma série de estudos relacionados aos NAe, como, por exemplo, um trabalho chamado *Avianostsy* (porta-aviões em russo), em 1964. Este trabalho relatava que, apesar das vulnerabilidades, o NAe ainda era uma séria ameaça (RANFT; TILL, 1983).

Contribuindo para o novo pensamento, os soviéticos perceberam que a necessidade de se ter helicópteros a bordo, conforme visto no cruzador classe *Kresta I*, era outro forte indício de que a MURSS necessitava de NAe. Por isso, em 1967, foi lançado o cruzador antissubmarino classe *Moskva*, que, apesar do nome cruzador, era um navio híbrido com a proa sendo de um cruzador e a popa de um NAe. Essa classe possuía capacidade para 16 helicópteros antissubmarinos, deslocava 18.000 toneladas, além de outras capacidades antissubmarinas e de defesa antiaérea (RANFT; TILL, 1983).

Com a experiência do *Moskva*, foi decidida a criação da classe *Kiev* de NAe, em 1968, estes também eram híbridos e seriam mais poderosos e pesados do que os classe *Moskva*, podendo levar 20 helicópteros antissubmarinos *Ka-25A*, *Hormone* e 13 aeronaves de pouso e decolagem vertical *Yak 36 Forgers*. A classe *Kiev* também possuía diferentes tipos de

mísseis, incluindo o SS-N-12 *Sandbox* superfície-superfície com alcance de 300 MN, além de poder enfrentar submarinos e outras aeronaves com seus mísseis. Os navios dessa classe eram claramente capazes de serem capitânias de uma marinha de águas oceânicas. Apesar disso, era sabido que não estariam em pé de igualdade com os NAe dos EUA, possuindo também limitadas capacidades de atacar alvos em terra. Ademais, os soviéticos, curiosamente, o denominaram também como um cruzador antissubmarino (RANFT; TILL, 1983).

Finalmente, com relação aos submarinos, em uma primeira fase, Pós-Segunda Guerra Mundial, foram aperfeiçoados os projetos de submarinos diesel-elétricos, visando dotá-los de capacidades para fazerem frente aos meios antissubmarinos da OTAN. Após essa fase, a MURSS percebeu que os SNLMB seriam a opção de construção mais rápida e adequada, quando comparados aos grandes navios de guerra, para se contraporem à marinha dos EUA. Por isso, passaram a ser a principal arma de ataque da marinha (GORSHKOV, 1976).

Assim, em 1960, a ideia de Gorshkov era desenvolver a MURSS baseada nos SNLMB, além de outros tipos como os lançadores de mísseis de cruzeiros e os de ataque com torpedos. Essa deveria ser a espinha dorsal da sua marinha. Outro ponto que preocupava os soviéticos era que a Ex-URSS se encontrava atrás dos norte-americanos em tecnologia e capacidades desses meios, pois os EUA lideravam essa disputa com seus submarinos classe *Polaris*. Por isso, em 1967, foi lançado a classe *Yankee* de submarinos para ameaçar o território norte-americano. Ele foi considerado o primeiro SNLMB soviético, por ter sido projetado originalmente para esse fim e por suas excepcionais capacidades: podia levar 16 mísseis SS-N-6 (nucleares) com alcance de 1300 MN. Contudo, em teoria, ainda era inferior à classe *Polaris*, o que levou os soviéticos a planejar, ainda nesta década, a classe *Delta*, que seria maior e superaria em alcance de mísseis o maior submarino norte-americano existente. Essa classe seria dotada de 12 mísseis SS-N-8, nucleares, podendo alcançar alvos nos EUA sem sair das

águas costeiras russas e, assim, tomando a dianteira na disputa dos SNLMB (RANFT; TILL, 1983).

Podemos observar que a Ex-URSS buscou equipar a marinha com meios modernos para enfrentar a OTAN, além de dotá-la com capacidades para atuar em crises ou conflitos, além das suas águas costeiras. É evidente que nessa busca por superar o Ocidente, a Ex-URSS ainda estava atrás em algumas áreas como a de NAe, porém, com relação aos SNLMB, ela já havia passado à frente dos EUA, no final da década de 1960. Ademais, o rápido desenvolvimento e a construção de meios navais modernos impressionavam o Ocidente, que via o Poder Naval russo crescendo em tamanho e capacidades.

### 3.5 AS MISSÕES ESTRATÉGICAS DA MURSS

Neste item, citaremos os estudos realizados por estrategistas navais ocidentais e soviéticos sobre as Missões Estratégicas que a MURSS poderia cumprir, na década de 1960. Analisaremos, também seus pontos fracos e fortes no referido período e como ela estava tentando amenizar suas fraquezas, para atuar nos oceanos e responder às crises em que o Poder Naval se fizesse necessário. Embora sejam, também, itens longos, julgamos necessário apenas dividi-los em Estratégias Clássicas e Estratégias Para Eras Modernas, conforme fizemos no capítulo anterior. Tal divisão facilitará nossa abordagem comparativa entre a teoria e a realidade apresentada do nosso objeto.



### 3.5.1 Estratégias clássicas

Com relação ao Controle de Áreas Marítimas, em que pese a mudança na estratégia da MURSS visando possuir meios capazes de operar nos oceanos, suas tarefas principais ainda eram a defesa do território soviético dentro das suas águas costeiras, contra os grupos tarefas de NAe do Ocidente, além de prestar apoio ao exército da Ex-URSS nas suas operações. Essas tarefas seguiam a teoria militar leninista da Unicidade de Propósito, ou seja, marinha, exército e força aérea deveriam possuir a mesma missão. Essa teoria foi uma das responsáveis por a MURSS, na década de 1960, não cogitar possuir o Domínio do Mar, visto pelos líderes militares como dessoante da missão de apoiar o exército no continente (RANFT; TILL, 1983).

Assim, é possível constatar que, embora com restrições, a MURSS poderia cumprir os propósitos da vertente de Uso de Área Marítima e, de maneira mais eficaz, a Negação do Uso do Mar, as quais juntas compõem o Controle de Área Marítima. A primeira apoiada pelos grandes meios produzidos como cruzadores e NAe híbridos e a segunda vertente apoiada pelos submarinos, aviões baseados em terra, minas e navios de defesa costeira (RANFT; TILL, 1983; TILL, 1984).

Mesmo assim, ainda havia dúvidas com relação aos estrategistas ocidentais, em que a MURSS poderia intervir nos oceanos distantes de sua costa. Alegando, principalmente, que os meios produzidos na década de 1960 não sustentariam grandes operações navais, por possuírem armamentos, em algumas embarcações, com um único disparo, sem possibilidade de recarregar, como, também, alegando que esses meios seriam para a defesa continental (RANFT; TILL, 1983).

Contrariando essa crítica, o Marechal *Sokolovskiy* (1897-1968), em 1964, então inspetor-chefe do ministério da defesa russo, escreveu um importante artigo, no jornal *Red Star*<sup>10</sup>, no qual explicava ao público soviético que a aquisição, pela marinha, de meios modernos (em especial submarinos, mísseis e armas nucleares) permitiria operações independentes e decisivas nos oceanos; indo ao encontro da ideia do marechal, Geoffrey Till e Bryan Ranft alegam que não é possível os estrategistas afirmarem que a MURSS era uma marinha costeira, pois eles a estariam avaliando pelo prisma da doutrina ocidental. Além disso, os autores enfatizam que a Ex-URSS estava mostrando interesse no desenvolvimento dos NAE, o que também demonstrava essa nova aptidão para águas oceânicas (RANFT; TILL, 1983; SERGEY, 2018).

Com relação à Proteção das LCM e do Transporte Militar, durante a década de 1960, Gorshkov, influenciado também pelas operações navais ocorridas na guerra civil russa<sup>11</sup>, deu ênfase para que a Estratégia da MURSS estivesse preparada para, em caso de conflito, proteger suas LCM que ficariam vulneráveis a ataques. Além disso, deveria também ter como prioridade apoiar o exército soviético, logisticamente, em diferentes teatros de operação, para que este não dependesse somente de rodovias e linhas férreas, que poderiam ser longas e sofrer ataques de seus inimigos (RANFT; TILL, 1983).

No caso de um conflito na Europa, a MURSS deveria estar presente e apta a realizar essas missões no Báltico, Mar Negro e Mar do Norte, onde protegeria e garantiria as LCM. Porém, no caso de um conflito no extremo oriente, tendo a China ou EUA como prováveis adversários, as LCM e os transportes militares deveriam ser protegidos no Mar do

---

<sup>10</sup> Jornal russo muito popular entre os militares e os civis da EX-URSS.

<sup>11</sup> O Ocidente supriu e manteve por longo tempo forças contrarrevolucionárias pelo mar, através de Linhas de transporte. Tal fato atraiu a atenção de Gorshkov (RANFT; TILL, 1983).

Sul da China. Tal necessidade de proteção, segundo Geoffrey Till e Bryan RANFT, foi um dos fatores para a MURSS mover-se para o Oceano Índico na década de 1960 (RANFT; TILL, 1983).

Com relação à Projeção de Poder Sobre Terra, podemos constatar que a construção dos meios navais com capacidades de lançar armas nucleares e mísseis de alto explosivos possibilitava a MURSS a cumprir essa missão de maneira eficaz. Contudo, a grande demonstração de mudança de sua estratégia para esse tipo de missão foi o desenvolvimento em curso, nessa década, para dotá-la de capacidades para realizar operações anfíbias (RANFT; TILL, 1983).

Com essa mudança de estratégia, em 1964, ocorre um marco na MURSS: a reativação do seu Corpo de Fuzileiros Navais. Esse pensamento na marinha foi muito influenciado pelas capacidades norte-americanas nessas operações, por isso a MURSS não se preocuparia somente em se defender das operações anfíbias do Ocidente, mas também buscaria ter essas mesmas capacidades ainda na década de 1960 (RANFT; TILL, 1983).

A partir também das construções de meios voltados para essas operações e visando consolidar uma nova teoria, vários exercícios anfíbios foram organizados na referida década. Dentre os principais exercícios podemos citar os *Baikal I e II*, em 1966 e 1967; o *Serve*, em 1968 e o *Oder-Neisse*, em 1969. Ademais, Gorshkov percebeu que poderia tirar proveito para a MURSS, aumentando sua capacidade de Projetar Poder Sobre Terra, porque haveria o respaldo de estar apoiando a estratégia do exército. A lógica era que a marinha poderia proteger o flanco marítimo do exército, reforçá-lo em posições enfraquecidas com reforços e suprimentos, atacar o inimigo em outra frente ou retirá-lo de uma posição desvantajosa com uma retirada Anfíbia (RANFT; TILL, 1983).

### 3.5.2 Estratégias para eras modernas

Com relação à Proteção dos Recursos Marítimos, podemos constatar que com o crescimento da marinha mercante soviética, incluída a sua frota pesqueira (que era uma das maiores e mais desenvolvidas do mundo, durante a década de 1960), Gorshkov já verificava o incremento de proteção desses meios. Além disso, a própria estratégia de proteção das águas continentais pela MURSS contra as marinhas dos Estados da OTAN transformou as águas ao redor da ex-URSS em locais bem vigiados e protegidos. Visando ainda a proteção desse mar, na mesma década, a MURSS possuía uma Força de Defesa Marítima composta por uma flotilha de cerca de 1200 navios, para defesa costeira, que normalmente atingiam 30 nós de velocidade, pouco armamento e uma robustez razoável (TAB. 1, ANEXO A). Apesar de pouco armadas, possuíam armas eficazes, como o míssil anti-navio SS-N-2 *Styx*<sup>12</sup> (RANFT; TILL, 1983).

Embora estivesse preocupada em fazer frente aos EUA, a MURSS investiu, conforme o conceito de Lars Wedin, em uma solução *High-Low Mix*, ou seja, o *High* compreendendo navios grandes, caros e poderosos, para a guerra em águas oceânicas e o *Low* compreendendo uma grande quantidade de navios mais simples e com certa robustez. Esses navios, porém, possuíam as capacidades de vigilância, de comunicações e de comando e eram dotados com armamentos mais simples, sendo, portanto, ideais para a proteção de Recursos Marítimos e de águas costeiras (WEDIN, 2015).

Com relação à Diplomacia Naval, A MURSS tinha a importante tarefa de defender ou estender os interesses da ex-URSS ao redor do mundo, principalmente em tempos de paz, porém os líderes soviéticos verificaram, no final da década de 1950, que havia severas

---

<sup>12</sup> A ex-URSS surpreendeu o Ocidente com sua tecnologia e doutrina de operação de mísseis, quando, em 1967, a marinha do Egito, usando esse míssil, afundou o *Destroyer Eilat* de Israel (RANFT; TILL, 1983).

limitações para cumprir tal tarefa. Isso também mudou, na década de 1960, devido às crises desse período, nas quais a ex-URSS demonstrou a inferioridade do seu Poder Naval em relação ao Ocidente. Dessa forma, com a renovação de sua esquadra, a nova estratégia não somente determinaria a MURSS estar efetivamente preparada para atuar em crises ou em conflitos, mas também deveria demonstrar seu poder e disposição para proteger seus interesses e de seus aliados (RANFT; TILL, 1983).

A tarefa que a diplomacia naval soviética cumpriria na paz deveria ser tão importante quanto na guerra, pois onde quer que os Estados da OTAN estivessem com seus navios, a MURSS deveria estar presente, apoiando aliados e impedindo ações agressivas das esquadras ocidentais, o que era um costume até então. Por consequência, a MURSS deveria realizar diversas tarefas políticas, indo desde visitas de cortesia a estar de prontidão para travar guerras limitadas (RANFT; TILL, 1983).

Seguindo essa nova diplomacia, em 1964, uma forte e contínua presença de navios de guerra soviéticos foram posicionados no Mar Mediterrâneo, sendo também iniciado um programa de visitas aos Estados dessa região. Nesse novo ímpeto, em 1966, demonstrando as suas capacidades, um contingente de submarinos nucleares soviéticos realizou uma viagem de circum-navegação (UNITED STATES, 1991).

Após adquirir essas experiências e ter suas forças renovadas, em 1967, durante a guerra árabe-israelense, a Ex-URSS, demonstrando uma impressionante capacidade de deslocar meios para responder a esta crise, enviou um contínuo fluxo de navios para o Mediterrâneo, chegando a ter, nesse período, 70 navios de guerra, submarinos e de apoio logístico (UNITED STATES, 1991).

Portanto, a Ex-URSS foi se transformando lentamente, no decorrer da década de 1960, de uma potência regional para uma verdadeira superpotência global, demonstrando

forte propensão para se envolver em problemas políticos em outros continentes, onde fosse necessário, graças a sua nova marinha (RANFT; TILL, 1983).

Por último, com relação à Dissuasão Estratégica, segundo Gorshkov, os SNLMB deveriam ser a espinha dorsal ofensiva da MURSS. Os outros meios, embora devessem estar aptos para enfrentar as marinhas da OTAN e proteger o país, deveriam também apoiar os submarinos para que cumprissem sua missão. Esses meios poderiam mudar o curso de uma guerra e deveriam estar espalhados estrategicamente em portos ou em missões no mar, desestimulando qualquer país de enfrentar a Ex-URSS militarmente. Para cumprir essa tarefa, o programa de desenvolvimento de SNLMB soviéticos teve que sofrer grandes transformações, pois, no início da década de 1960, conforme o item 3.2, os submarinos da classe *Hotel* apresentavam falhas nos reatores e motores, colocando a Ex-URSS atrás dos EUA quanto ao emprego desses meios (GORSHKOV, 1976; RANFT; TILL, 1983).

Essa importância dada aos SNLMB, como arma principal e dissuasória, pode ser verificada pelo fato de mais de 40% do esforço de construção naval, a partir de 1966, ser direcionado para a construção de SNLMB (RANFT; TILL, 1983).

Contudo é importante entendermos algumas diferenças entre os conceitos de Dissuasão Estratégica entre a OTAN e a Ex-URSS. Para a OTAN, é deixar claro para o inimigo os grandes custos que superarão qualquer benefício de uma agressão, para os estrategistas da Ex-URSS, a melhor dissuasão é o reconhecimento pelo inimigo da capacidade de fazer a guerra e a certeza de que a Ex-URSS vencerá o conflito. Devemos ressaltar que essa dissuasão soviética não teria falhado se houvesse uma guerra, mas sim se a Ex-URSS não saísse vencedora (RANFT; TILL, 1983).

Para garantir essa vitória, a Ex-URSS passou a realizar grandes esforços na criação de armamentos e políticas nas quais garantiriam que seus danos seriam menores do que os

do inimigo não somente na área militar, mas também nas áreas econômica, social e estratégica. Com isso, a Ex-URSS também implantou um desenvolvimento de meios antissubmarinos para atacar os SNLMB da OTAN, bem como dotar seus SNLMB de meios cada vez mais poderosos, para causar danos irreparáveis nos Estados da OTAN. Portanto, na visão da Ex-URSS, em uma guerra geral, os SNLMB deveriam ser mantidos como uma reserva estratégica capaz de devastar o inimigo nos estágios finais do conflito, bem como funcionar, também, como uma reserva para apoiá-la nas negociações de paz sobre a conclusão da guerra, garantindo assim uma verdadeira vitória político-estratégica (RANFT; TILL, 1983).

O reaparelhamento da MURSS em sinergia com as novas concepções das missões estratégicas, atribuídas a essa marinha, contribuíram para que a década de 1960 fosse um ponto de virada na capacidade da Ex-URSS atuar nas crises internacionais. Os erros do início da década, como a Crise dos mísseis de Cuba e o Confronto do Congo, não poderiam mais ocorrer, pois o prestígio de uma superpotência estaria em jogo. Logo, os estrategistas navais da Ex-URSS, sob a liderança motivadora de Gorshkov, estudaram mais profundamente as capacidades e fragilidades das marinhas da Otan e buscaram criar uma solução russa para se contraporem às ameaças, sempre tentando alcançar a liderança nos meios e capacidades. Embora fosse uma tarefa difícil, em virtude do grande poder econômico e tecnológico dos Estados da Otan, a Ex-URSS decidiu investir em um Poder Naval forte para, primeiro se proteger e depois sempre manter esses Estados sob ameaça.

### 3.6 CONCLUSÕES PARCIAIS

Podemos concluir neste capítulo que, para a MURSS, a década de 1960 teve duas fases. Na primeira, observamos uma marinha que sofreu com cortes orçamentários e de

projetos de grandes navios, em virtude da visão errônea de Krushev. Essa fase teve seu ápice durante as desastrosas Manobras de Crise, em Cuba e no Congo, onde o Poder Naval da Ex-URSS se mostrou ineficaz. Na segunda fase, houve uma forte mudança de rumos liderada por Gorshkov que junto a outros líderes e estrategistas decidiram criar uma “Frota Revolucionária”, com meios modernos e capazes não só de defenderem suas águas costeiras, mas também de se fazerem presentes nos oceanos.

A descoberta de novas fontes de riquezas como petróleo e gás, além do desenvolvimento da marinha mercante criaram as bases para o *Ciclo Virtuoso do Mar* de Geoffrey Till. Esses eventos contribuíram para que houvesse um fluxo maior de recursos para a marinha. Em consequência, no final da década de 1960, A MURSS passaria a contar com meios navais modernos que poderiam, de forma ainda limitada, enfrentar os meios navais da OTAN, bem como se fazerem presentes em qualquer parte do planeta, atuando em Manobras de Crise eficazmente. Por isso, podemos afirmar que a Ex-URSS, no final da década de 1960, poderia sim ser considerada uma grande Potência Marítima, com um poderoso e moderno Poder Naval (TAB. 2, ANEXO A).



## **4 O PODER NAVAL SOVIÉTICO NA DÉCADA DE 1960 SOB ÓTICA DAS TEORIAS DE MANOBRA DE CRISE E DE GEOFFREY TILL**

Neste capítulo, pretendemos responder aos questionamentos deste trabalho, confrontando as teorias de Cláudio Senna e de Geoffrey Till com a construção do Poder Naval da Ex-URSS, na década de 1960. Assim, verificaremos se a MURSS, naquela década, poderia ser considerada uma marinha moderna, cumprindo as Missões Estratégicas de Geoffrey Till e se estaria apta a respaldar os interesses da Ex-URSS por meio das Manobras de Crise.

### **4.1 O PODER NAVAL DA EX-URSS E A MANOBRA DE CRISE**

Ao nos debruçarmos no estudo, constatamos que, no início de 1960, a MURSS ainda sofria com os cortes orçamentários e de projetos realizados por Krushev. Esses cortes reduziram sua capacidade operacional e demonstraram a fragilidade da Ex-URSS em antever crises, conforme constatado nas crises de Cuba (1962) e do Congo (1960 a 1965). Assim, o preparo da MURSS para a Manobra de Crise teve pouca aderência ao que fala Cláudio Senna sobre estar preparado para crises, principalmente as que não se podem prever. Verificamos que isso ocorreu, pela falta de Planos de Resposta adequados e de meios navais para atendê-los.

Contudo, quando analisamos o final de década de 1960, podemos constatar uma mudança por parte dos dirigentes da Ex-URSS que, envergonhados pelos erros nas conduções de crises do passado, passaram a preparar o Poder Naval, por meio da construção de poderosos meios navais, com a MURSS passando a estar presente em crises em diversas

partes do planeta. Logo, podemos afirmar que, no final da década de 1960, o preparo da MURSS teve grande aderência aos conceitos de Cláudio Senna. Constatamos tal afirmação ao observarmos que muitos meios navais soviéticos passaram a estar alocados no Mar Mediterrâneo, para fazer frente às marinhas da OTAN e atuar em futuras crises na região. De maneira geral, com a evolução tecnológica e das capacidades dos novos meios construídos, além de uma nova doutrina, a MURSS estaria preparada para respaldar os Planos de Resposta da Ex-URSS.

#### 4.2 O PODER NAVAL DA EX-URSS E A TEORIA DE GEOFFREY TILL

Neste item, compararemos as Missões Estratégicas que a MURSS podia cumprir, na década de 1960, com as missões fundamentais, propugnadas por Geoffrey Till, que uma marinha moderna deve cumprir. Tal comparação é importante, porque, nessa teoria, quando uma marinha está apta a cumprir as missões de Geoffrey Till, ela estará apta a respaldar seu Estado em um conflito armado e em crises.

Consideramos também ser importante analisarmos somente o período compreendido do final da Crise dos mísseis em Cuba de 1962 até o final da década de 1960, pois, nessa fase, ficam claras as grandes transformações pelas quais a Ex-URSS e, em especial, a MURSS passaram, conforme citadas no capítulo 3. Ademais, dividiremos este item pelas Missões Estratégicas de Geoffrey Till, para verificarmos se a construção do Poder Naval Soviético, no período, tinha aderência ao modelo teórico do autor.

Contudo, antes abordar as Missões Estratégicas, devemos explicar que, ao descobrir grandes jazidas de petróleo e gás na Sibéria e necessitar construir uma marinha

mercante ainda maior para comercializá-los, a Ex-URSS passou a contar com recursos advindos do comércio exterior que contribuíram para a construção, tanto em quantidade como em qualidade, de meios navais para a MURSS. Essa combinação de fatores nos mostrou na prática o que Geoffrey Till chama de “Ciclo Virtuoso do Mar”. Assim, após explicarmos as origens dos recursos para a marinha, compararemos as capacidades da MURSS em cumprir suas Missões Estratégicas com as preconizadas por Geoffrey Till.

Com relação ao domínio do Mar e Controle de Área Marítima, observamos que MURSS não visava o domínio, mas sim o controle. Seus meios foram construídos para enfrentar os grupos de NAe norte-americanos e para a defesa da costa, como exemplo, podemos citar o NAe híbrido classe *Kiev* que com seus armamentos e aeronaves embarcadas poderia controlar áreas e atacar os navios da OTAN, mesmo que de maneira limitada. Na vertente de Negação do Uso do Mar, a MURSS cumpria essas tarefas com maestria, graças aos seus submarinos, conforme constatamos no capítulo 3.

Com relação à Defesa das LCM, a MURSS passou a contar com grandes meios navais, distribuídos no Mediterrâneo e que passaram ter presença no Mar do Sul da China e Oceano Índico. Entre esses meios, encontravam-se os *Destroyers*, os cruzadores classe *Kresta II* e seus submarinos que poderiam realizar essas tarefas. A Ex-URSS passou a se preocupar com esse tema devido ao grande crescimento da sua marinha mercante, o que também influenciou o aumento das capacidades antissubmarinas dos seus navios.

Com relação à Projeção de Poder Sobre Terra da MURSS, podemos citar, como grande marco dessa Missão Estratégica, a reativação do Corpo de Fuzileiros Navais em 1964. Além disso, as novas capacidades dos seus meios navais, particularmente os SNLMB, de bombardearem com mísseis de cruzeiro ou nucleares o território inimigo, demonstraram o comprometimento da Ex-URSS em cumprir essa Missão Estratégica.

Com relação a Proteção dos Recursos Marítimos, Ex-URSS construiu muitos navios para a defesa de costa e, de início, seriam para proteção contra esquadras inimigas. Contudo, quando a Ex-URSS passou a descobrir e explorar recursos nos seus mares e plataformas continentais, passaram também a cumprir essa missão. Com navios velozes, como as Corvetas da classe *Nanuchka*<sup>13</sup> de 800 toneladas lançadas em 1969, armados com os mísseis anti-navios SS-N-2 *Styx* e o SS-N-9 de até 150 MN, a URSS passou a impressionar o Ocidente com relação as capacidades desses tipos de navios.

Com relação à Diplomacia Naval, a Ex-URSS decidiu que a marinha deveria representar seus interesses políticos. A URSS, a partir de então, estaria pronta para demonstrar o poder e a vontade de lutar do Estado soviético. Podemos comprovar essa afirmação com as visitas a Estados amigos, e o apoio aos árabes na Guerra Árabe-Israelense em 1967, visando impedir ações da OTAN no conflito e suprir os árabes logisticamente, demonstrando um amadurecimento na Diplomacia Naval

Com relação à Dissuasão Estratégica, a Ex-URSS destinou grande parte dos recursos para os submarinos, visando transformar os SNLMB na espinha dorsal de ataque da URSS. Esses meios permitiram que marinha alcançasse a verdadeira dissuasão, na visão de Geoffrey Till. As capacidades dos SNLMB passaram a impressionar e preocupar o Ocidente, devido às suas capacidades de destruição e alcance. Contudo, ainda que a Ex-URSS tivesse uma visão de dissuasão diferente da do Ocidente, conforme explicado no capítulo 3, seus SNLMB cumpriam a dissuasão de Geoffrey Till.

Por último, devido ao exposto neste capítulo comparativo, podemos concluir, em linhas gerais, que a construção do Poder Naval soviético, na década de 1960, por conseguir

---

<sup>13</sup> Esse navio possuía capacidades que poderíamos chamá-lo de um “Navio Capitânia” de águas costeiras (RANFT; TILL, 1983).

cumprir as características das Missões Estratégicas citadas por Geoffrey Till, na segunda fase da década de 1960, teve aderência ao modelo teórico do referido autor.

## 5 CONCLUSÃO

O que nos motivou a escolher o objeto deste trabalho foi a vontade de conhecer o desenvolvimento da Marinha da Ex-URSS, além de entender as razões de alguns dos seus triunfos e fracassos, que aprendemos nos bancos escolares. Por consequência, queríamos entender como a Ex-URSS construiu seu Poder Naval.

Nossa curiosidade nos levou a procurar as respostas de como um Estado, que era tão forte militarmente, ter apresentado uma limitada condução de Manobra de Crise, durante a famosa Crise dos mísseis de Cuba (1962), chegando ao ponto de não possuir meios navais com capacidade de operar fora de suas águas costeiras. Outra motivação, para nossa pesquisa, foi saber como em um curto prazo, em relação a essa crise, a Ex-URSS desenvolveu um Poder Naval de alto nível que podia desafiar toda a OTAN. Assim, decidimos conhecer as razões que transformaram a URSS em uma das melhores marinhas do mundo e, o principal, quando ocorreu essa transformação.

Com a pesquisa, verificamos que, a década de 1960, foi o período de grande mudança de rumos da Ex-URSS e, conseqüentemente, para a URSS, pois a marinha precisou se fazer presente em duas grandes crises. Ademais, nessa década, iniciou-se um inovador programa de reaparelhamento da marinha e de renovação de sua doutrina naval.

Após escolhermos o período, faltava-nos escolher um teórico moderno que definisse conceitos importantes, além de nortear as Missões Estratégicas que uma marinha deveria cumprir para respaldar os interesses de um Estado. Por isso, não tivemos dúvidas que a melhor escolha seria o famoso e celebrado autor Geoffrey Till. Secundariamente, escolhemos Cláudio Senna, para a Manobra de crise, e utilizamos a DMN, para complementar esse autor. Com isso, a partir desses conceitos teóricos, seria possível realizar uma

comparação com a realidade apresentada pela MURSS, na década de 1960, e responder se a Ex-URSS possuía um Poder Naval forte e moderno e se esse poder seria capaz de respaldar seus interesses em águas oceânicas na década de 1960.

Iniciamos nossa pesquisa, no capítulo 2, a partir de conceitos do EMA-305-DMN e do livro *Gerenciamento de crises: utilizando mapas críticos para organizar o que é complexo e caótico (2017)*, do autor Cláudio Senna, visando complementar e aprofundar os conhecimentos de Crise e de Manobra de Crise. Em seguida, recorreremos a duas obras de Geoffrey Till (*Maritime strategy and the nuclear age, 2nd ed., 1984*, e *Seapower: a guide for the twenty-first century, 2nd ed., 2009*), que seriam nossas principais fontes teóricas.

A primeira obra de Geoffrey Till nos forneceu a maior parte dos conhecimentos necessários para o estudo, desenvolvendo as Missões Estratégicas que uma marinha moderna deve cumprir, para respaldar os interesses político-estratégicos de um Estado. Nesse caso, consideramos esse respaldo através da Manobra de Crise, pois a Crise é um estágio anterior a um conflito armado. Já a segunda obra do mesmo autor permitiu-nos compreender os conceitos de Poder Marítimo, Poder Naval, além do *Ciclo Virtuoso do Mar*, permitindo-nos verificar, no capítulo 3, se a Ex-URSS seguiu esse Ciclo e se podia ser considerada uma verdadeira Potência Marítima e Naval. Ao final, com as conexões que realizamos entre as teorias dos dois autores, visualizamos a necessidade de um Poder Naval estar preparado para conduzir uma Manobra de Crise, principalmente quando as crises não podem ser previstas.

No capítulo 3, estudamos que a nomeação de Gorshkov como Comandante-em-chefe da MURSS foi fundamental para a transformação dessa marinha para operar em águas oceânicas, embora tenha sofrido forte pressão política para reduzir seu tamanho e de seus meios. Após isso, verificamos como essa redução foi crucial para que a Ex-URSS fracassasse

nas conduções das duas principais crises da década de 1960 (Cuba e Congo). Contudo, esses fracassos influenciaram o novo reaparelhamento da MURSS.

Em nossa análise, constatamos, também, que a MURSS foi equipada e pensada, por Gorshkov, para poder enfrentar as marinhas da OTAN e atuar eficazmente nas futuras Manobras de Crise, em águas oceânicas. Esse reaparelhamento foi igualmente possível, além do impulso gerado pelas crises mencionadas, pelo aporte financeiro promovido pelo crescente comércio externo da década de 1960, em função da grande marinha mercante soviética e da descoberta de recursos energéticos na Sibéria que incrementaram ainda mais esse comércio e geraram vultuosos recursos financeiros para a Ex-URSS. Assim, percebemos na prática que o Estado Soviético passou pelo *Ciclo Virtuoso do Mar*, contribuindo para o reaparelhamento da MURSS, além de criar uma certa “supremacia marítima”, nas suas águas de interesse, que podia rivalizar com a poderosa marinha norte-americana.

Nossa escolha metodológica foi a de confrontação de teoria com a realidade. Assim, no capítulo 4, confrontamos as teorias escolhidas com a construção do Poder Naval Soviético na década de 1960. Dessa forma era o nosso propósito responder se a construção desse poder teve aderência aos modelos teóricos apresentados, principalmente ao de Geoffrey Till, comparando as teorias com construção desse poder.

Após realizar a comparação, verificamos que a Ex-URSS passou a se planejar para enfrentar novas crises, através da revisão dos seus erros passados, construindo um Poder Naval moderno para respaldar seus interesses tanto nas suas águas costeiras como além delas. Para a construção desse poder, a Ex-URSS decidiu criar um programa de reaparelhamento moderno de meios navais, que foi incrementado devido ao “Ciclo Virtuoso do Mar Soviético”. Esse ciclo criou uma “supremacia marítima” relativa que permitiu o cumprimento das Missões Estratégicas de Geoffrey Till, pela MURSS.



Dessa forma, no final do capítulo, chegamos à conclusão de que a construção do Poder Naval da Ex-URSS, na década de 1960, teve aderência tanto ao modelo teórico de Geoffrey Till, quanto ao de Cláudio Senna.

Concluindo nossa análise, podemos afirmar que um Estado deve antever as possíveis crises com as quais poderá ser obrigado a lidar, criando, para essas crises e para as que ele não poderá prever, Planos de Respostas que deverão ser elaborados com o máximo de detalhamento possível. Assim, o Poder Naval não poderá ser negligenciado, para que não ocorram os erros da Ex-URSS do início da década de 1960.

Portanto, respondendo ao nosso questionamento, a Ex-URSS possuía um Poder Naval forte e moderno e esse poder era capaz de respaldar seus interesses em águas oceânicas no final da década de 1960. Porém, diferente dos EUA, apesar de estar bem equipada com grandes navios e submarinos para águas oceânicas, seu pensamento estratégico ainda era continental, pois focou-se mais nas guerras em mares estreitos e locais do que nos oceanos. Afinal, os líderes soviéticos não acreditavam que o pensamento estratégico ocidental era o único caminho para o sucesso. Portanto, nossa pesquisa demonstrou a importância de uma marinha estar preparada para cumprir as Missões Estratégicas de Geoffrey Till, pois, estando preparada para atuar em conflitos armados, também estará apta a conduzir Manobras de Crise.

Por fim, sugerimos à MB que promova debates sobre o tema, em congressos, meios acadêmicos e na sociedade brasileira como um todo, com as devidas adaptações de conteúdo, ressaltando os perigos de um Estado não possuir um Poder Naval preparado para atuar em crises. Ademais, sugerimos para consolidar o entendimento da construção do Poder Naval soviético e tirarmos aprendizados para o caso brasileiro, um estudo do seu período de declínio (década de 1980) e do seu novo renascimento na Era *Putin* (anos 2000).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-305: doutrina militar naval*. 1. ed. Brasília, DF: EMA, 2017.

FAHRON-HUSSEY, Claudia. *Military crisis management operations by NATO and the EU: the decision-making process*. Wiesbaden: Springer, 2019.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.

GORSHKOV, S. *Las fuerzas navales: su historia y su presente*. Moscú: Progreso, 1976.

KAPLAN, Robert D.; SERRA, Cristiana de Assis. *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MOORE, John Evelyn; JANE, Fred. T. *Jane's fighting ships, 1974-75*. New York: Franklin Watts, 1974.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION. *Tratado do Atlântico Norte*: Washington DC, 4 de abril de 1949. Washington, DC, 19 jun. 2017. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/su/natohq/official\\_texts\\_17120.htm?selectedLocale=pt](https://www.nato.int/cps/su/natohq/official_texts_17120.htm?selectedLocale=pt). Acesso em: 24 abr. 2022.

POLMAR, Norman; BROOKS, Thomas A.; FEDOROFF, George E. *Admiral Gorshkov: the man who challenged the U.S. Navy*. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2019.

RANFT, Bryan; TILL, Geoffrey. *The sea in soviet strategy*. London: Macmillan Press, 1983.

SENNA, Cláudio J. D. *Gerenciamento de crises: usando mapas críticos para organizar o que é complexo e caótico*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

SERGEY, Yuferev. Vasily Sokolovsky: comandante da vitória. *Military Review*, Rússia, 10 maio 2018. Disponível em: <https://pt.topwar.ru/141244-vasiliy-sokolovskiy-polkovodec-pobedy.html>. Acesso em: 10 maio 2022.

TILL, Geoffrey. *Maritime strategy and the nuclear age*. 2nd. ed. New York: St. Martin's, 1984.

\_\_\_\_\_. *Seapower: a guide for the twenty-first century*. 4th ed. London; New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2018.

UNITED STATES. Office of the Chief of Naval Operations. *Understanding Soviet naval developments*. 6th ed. Washington, DC: Department of the Navy, 1991.

WEDIN, Lars. *Estratégias marítimas no século XXI: a contribuição do Almirante Castex*. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2015.

## ANEXO A

## Desempenho da indústria naval a partir de 1961

TABELA 1

Quantidade de Navios-Patrolha transferidos para aliados da Ex-URSS, a partir da década de 1960.

TABLE 1 *Patrol boat transfers by country and year*

Country	P6	Komar	OSA I	OSA II
Algeria	10 (1963–66)	6 (1967)	3 (1967)	–
Bulgaria	–	–	4 (1970–71)	–
China	10 (1956–60)	4 (1965–67)	9 (1965–67)	–
Cuba	12 (1962)	18 (1962–66)	5 (1972–73)	3 (1976)
Egypt	20 (1956–60)	7 (1962–67)	10 (1966)	–
Eq. Guinea	1 (1969)	–	–	–
Germany DPR	27 (1957–60)	–	12 (1970)	3 (1976)
Guinea	4 (1968–70)	–	–	–
India	–	–	8 (1970)	8 (1976)
Indonesia	14 (1961–63)	9 (1961–65)	–	–
Iraq	12 (1969–61)	–	6 (1973)	6 (1973 & 1976)
Korea DPR	8 (1961)	12 (Mid-60s)	8 (N/A)	–
Libya	–	–	–	24 (1976–78)
Nigeria	3 (1967)	–	–	–
Poland	6 (1957–58)	–	12 (1968)	–
Romania	–	–	5 (1964)	–
Somalia	4 (1968)	–	–	3 (1975)
Syria	–	5 (1963–66)	8 (1972–76)	–
Tanzania	3 (1974–75)	–	–	–
Vietnam	–	2 (1968)	–	–
Yemen PDR	2 (1972)	–	–	–
Yugoslavia	–	–	10 (1966–69)	–

Source: *Defense Electronics*, September 1978, p. 74.

Fonte: RANFT; TILL, 1983.

Nota: Demonstra que a Ex-URSS possuía uma forte flotilha para defesa costeira, além de manter uma elevada taxa de produção.

TABELA 2

Quantidade de navios lançados pela Ex-URSS e EUA, no período de 1961 a 1975.

TABLE 2 *US and Soviet shipbuilding deliveries, 1961–1975*

Type of ship	USSR	US
Ballistic missile submarines	54	38
Attack submarines	177	57
Major surface combatants (3,000 tons and more)	57	117
Major surface combatants (1,000–3,000 tons)	83	2
Minor surface combatants (incl. amphibious)	1,175	71
Underway replenishment ships	4	25
Other support ships	199	17
Total	1,749	327

Source: Joint Chiefs of Staff, *Soviet Shipbuilding Deliveries, 1961–1975*, 20 May 1976.

Fonte: RANFT; TILL, 1983.

Nota: Demonstra a forte mudança de postura da Ex-URSS, visando superar a marinha norte-americana, na construção de meios navais.

## ANEXO B

## Meios navais da “Frota Revolucionária” lançados ou modificados na década de 1960



FIGURA 1 - Corveta classe *Nanuchka* (1969)

Velocidade: 32 nós

Armamentos:

- 6 (2 triple) SS-N-9 Superfície-superfície
- SA-N-4 Superfície-Ar forward (twin)
- 2 canhões gêmeos de 57 mm AA

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 2 - *Destroyer modified Kildin* (modificados no início da década de 1960)

Velocidade: 36 nós

Armamentos:

- 4 Mísseis Superfície-Superfície
- 16 bombas de profundidade na proa
- 2 Canhões duplos de 76mm
- 4 canhões (quáduplos) de 57mm
- 4 lançadores de torpedos

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 3 - *Destroyer Kotlin* (1956-modificados em 1962)

Velocidade: 36 nós

Armamentos:

- 1 lançador duplo de Mísseis Superfície-Ar
- 16 bombas de profundidade
- 2 Canhões de 5 polegadas
- 4 canhões AA (quáduplos) de 57mm
- 4 canhões duplos de 30mm
- 24 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 4 - *Destroyer Krupny* (1960-modificados a partir de 1967)

Velocidade: 34 nós

Armamentos:

- 2 lançadores de mísseis SS-N-1
- 6 lançadores de torpedos
- 2 canhões (duplos) de 76mm
- 16 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 5 - *Destroyer Kashin* (1962)

Velocidade: 35 nós

Armamentos:

- 4 lançadores de mísseis SA-N-1
- 5 lançadores de torpedos
- 4 canhões AA (quádruplos) de 57mm
- 36 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 6 - Cruzador classe *Kynda* (1962)

Velocidade: 35 nós

Armamentos:

- 1 plataforma para pouso de helicóptero
- 8 lançadores de mísseis SS-N-3
- 1 lançador duplo SA-N-1 (recarregável) Superfície-Ar
- 6 lançadores de torpedos
- 4 canhões de 75mm
- 24 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 7 - Cruzador classe *Kresta I* (1967)

Velocidade: 34 nós

Armamentos:

- 1 helicóptero Hormone
- 2 lançadores de mísseis SS-N-3
- 1 lançador duplo SA-N-1 Superfície-Ar
- 10 lançadores de torpedos
- 4 canhões de 57mm
- 24 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 8 - Cruzador classe *Kresta II* (1970)

Velocidade: 33 nós

Armamentos:

- 1 helicóptero Hormone
- 4 lançadores de mísseis SS-N-10
- 2 lançadores duplos SA-N-3 Superfície-Ar
- 10 lançadores de torpedos
- 4 canhões de 57mm
- 4 canhões duplos de 30mm- antiaéreo
- 36 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.





FIGURA 9 – “Nae” classe *Moskva* (1967)

Velocidade: 30 nós

Armamentos:

- 18 helicópteros Hormone-ASW
- 1 lançador duplo de mísseis Antissubmarinos (ASW)
- 2 lançadores duplos SA-N-3 Superfície-Ar (180 recargas)
- 10 lançadores de torpedos
- 4 canhões de 57mm
- 24 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 10 - “Nae” classe *Kiev* (1968)

Velocidade: 30 nós

Armamentos:

- 20 helicópteros Hormone
- 13 aeronaves Yak-36
- 1 lançador duplo de mísseis Antissubmarinos (ASW)
- 2 lançadores duplos SA-N-3 Superfície-Ar
- 4 lançadores de mísseis SA-N-4
- 10 lançadores de torpedos
- 4 canhões de 57mm
- 24 lançadores de foguetes antissubmarino

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 11 - SNLMB classe *Yankee* (1967)

Velocidade: 25 nós

Armamentos:

- 16 lançadores de mísseis SS-N-6

- 8 lançadores de torpedos

Fonte: MOORE; JANE, 1974.



FIGURA 12 - SNLMB classe *Delta* (1972)

Velocidade: 25 nós

Armamentos:

- 12 lançadores de mísseis SS-N-8

- 8 lançadores de torpedos

Fonte: MOORE; JANE, 1974.